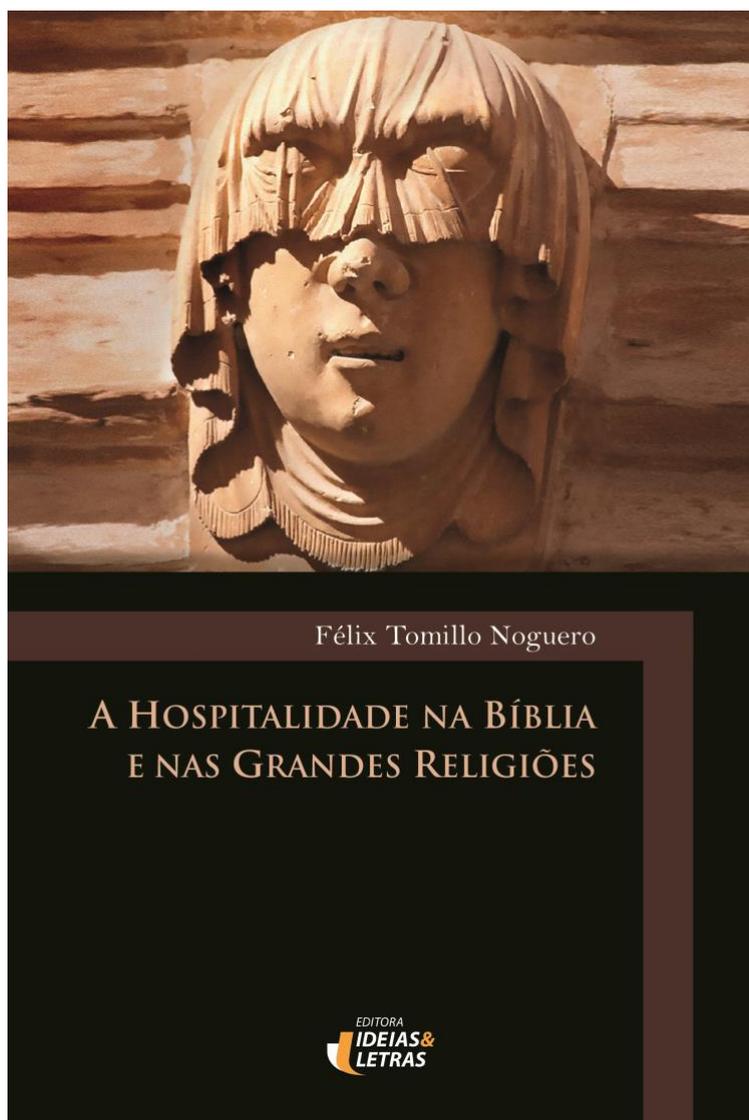


Resenha de livro: TOMILLO NOGUERO, Félix. **A Hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões**. Trad. Alexandre Panosso Netto. São Paulo: Ideias & Letras, 2019, 120 páginas.

Josefa Laize Soares Oliveira¹



¹ Mestranda em Turismo na Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. E-mail: laizeoliveira@hotmail.fr

A reflexão entre a hospitalidade (o bem receber) – que por caráter central das regras bíblicas ou de obrigação religiosa converte-se em recompensas a quem a pratica -, e a inospitalidade (recusa do bem receber) - que converte-se em castigos divinos, tendo como ponto de equilíbrio da virtude humana a teologia - é o ponto central do livro de Félix Tomillo Noguero (1943-2014). Uma leitura instigante e reflexiva sobre as nuances da relação anfitrião (Deus) e hóspede (ser humano) e a visão ampliada do autor sob as lentes do fenômeno da hospitalidade: a existente na Bíblia e nas grandes religiões, sendo elas as três grandes monoteístas: o Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo.

Fruto de uma palestra sobre Turismo Religioso para o *XXIX Congreso Nacional de Escuelas de Turismo*, em La Coruña, Espanha (1993) e intitulado originalmente *Las Grandes Religiones, la Biblia y el Turismo*, o livro *A Hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões* é a primeira obra póstuma do autor espanhol. Ela traz um simbolismo forte de retribuição. Foi traduzida por Alexandre Panosso Netto, professor de turismo da Universidade de São Paulo e tutorado de Tomillo Noguero em seu pós doutorado, que ao encontrar os originais do texto teve o cuidadoso trabalho de ordená-lo, traduzir e superar todos os trâmites burocráticos para conseguir autorização e publicar a obra com um selo editorial de reconhecida qualidade no mercado brasileiro. Daí que no prefácio o prof. Luiz Octávio de Lima Camargo, reconhecendo esse valor simbólico, escreveu "este livro nasce de uma cena hospitaleira". Aliás, o prefácio do prof. Camargo é digno de ser apreciado por sua elevada qualidade e profundidade da reflexão, pois vai desde Marcel Mauss com a dádiva e o dom, passando por Elizabeth Telfer e sua visão sobre a virtude, Mircea Eliade e a história das religiões até Marcel Camus e o mito de Sísifo, entre outros autores que fundamentam sua análise.

Tomillo Noguero era formado em direito e doutor em *business and management* e sua principal expertise acadêmica era o turismo e suas áreas correlatas, tais como a hospitalidade. Ao relacionar seus temas de interesse e pesquisa em hospitalidade, filosofia e turismo com os estudos da ética, epistemologia e teologia, o autor demonstra que tinha sob seu domínio um vasto campo teórico, pois conseguiu relacionar o turismo (embora não seja objeto central da obra) às passagens bíblicas e textos sagrados de três religiões. Por exemplo, a Terra Prometida seria uma espécie de grande hospedaria; a vida, uma viagem de peregrinação, e os peregrinos (os mais virtuosos) viajantes em busca da morada eterna e; o inferno seria um infra-hotel de hospedagem para o juízo final.



Na capa do livro a imagem (de Héstia, a deusa da hospitalidade? - a obra não deixa claro isso) com olhos cobertos chama a atenção e dá o recado: "Faça o bem sem olhar a quem". Uma das premissas da hospitalidade incondicional. É este o pilar estrutural do conteúdo da obra, que apresenta-se em duas partes: a primeira dividida em quatro capítulos e a segunda em dois.

O texto é denso e exige certo grau de conhecimento teológico, histórico e filosófico. Não é uma leitura para iniciantes. Conhecendo esse fato, 94 notas de rodapé foram acrescentadas pelo tradutor, distribuídas em 53 das 120 páginas. As notas são explicativas e trazem detalhes minuciosos, com informações de artigos, livros e endereços de acesso à web, ajudando o leitor a compreender com riqueza e profundidade determinados termos - o que desperta maior curiosidade de leitura. Há também passagens mais simples, nas quais algumas comparações entre turismo e religião são apresentadas de forma simples, de fácil compreensão para o grande público. Pode-se dizer que os hotéis são ambientes dotados de serviços e facilidades para o conforto da demanda que atende. Nesta linha, os templos seriam característicos de boa recepção aos fiéis; a divindade aparece como guia, padroeira, anfitriã e, transcendentalmente, viajante, hóspede, ou comensal; os estrangeiros seriam os protegidos da deidade; os livros sagrados, como as leis ou tratados da hospitalidade; o ato de ser hospitaleiro equivalente ao de caridade; a viagem como uma peregrinação, uma sanção, ou uma benção divina; e o além, um hotel paradisíaco que recebe os mais virtuosos.

Uma das reflexões mais instigantes inicia-se no primeiro capítulo, intitulado Sinopse. O turismo é reconhecido como uma atividade comercial. Logo, se analisarmos o fato de que para as almas mais religiosas dinheiro e religião são dois elementos que somados resultaria em uma alquimia mal sucedida, ou seja a infelicidade, o autor propõe uma quebra de paradigma. O termo hospitalidade possui dimensões conceituais, no entanto, em sua complexidade, alguns aspectos a englobam - tais como descanso, alimentos e bebidas. Neste sentido, Tomillo Noguero sugere que a relação hospitalidade x religião x turismo ocorre na recepção e benefícios gratuitos que conectam-se a sete pontos que são descritos no primeiro capítulo. Tal relação aproxima o homem de sua fé, ao confiar em receber o estrangeiro, e consequentemente de Deus.

No segundo capítulo o autor propõe compreender o bem receber expresso em textos sagrados. Sua reflexão ultrapassa sua própria crença subjetiva, mostrando que seu conhecimento também vai além do saber acadêmico. De modo geral, cada indivíduo em sua abstração humana possui crenças - seja em tudo, num todo, ou, no nada (não crer também é uma crença). O que unifica a distinção entre tais crenças são as atitudes de cada indivíduo. No caso dos religiosos, tal abstração apoia-se em afirmações dogmáticas. Neste sentido, ao longo da obra o autor relacionou crenças e culturas ao apresentar diferentes preceitos, como o Alcorão do Islã, o Talmud e o Torá das Leis judaicas, Antigo e Novo Testamento do Cristianismo e a Didaquê do catecismo cristão, Código Manu do Hinduísmo, além de aspectos da História e Mitologia Grega, entre outros.

Isso nos leva a recordar o livro "Sapiens. Uma breve história da humanidade" (também referenciado no prefácio da obra por Camargo) no qual seu autor Yuval Harari exemplifica de forma clara como todas as culturas e religiões possuem pontos, signos, elementos e preceitos em comum que foram moldados a centenas e até a milhares de anos. Isso significa dizer que não há uma cultura ou religião "pura" tal como querem fazer crer grupos mais radicais na atualidade.

Outro ponto em comum entre os preceitos religiosos apresentados parte das normas de convívio social. No contexto das regras disciplinares que regem o direito, o terceiro capítulo aborda que, como nas leis capitais, as normas da hospitalidade dispõem de direitos e deveres - neste caso, direcionados a hóspedes e a viajantes. O acolhimento ao estrangeiro é um acordo entre povos e qualquer infração é julgada pelas instâncias sagradas da religião. No entanto, tais regras não seriam aplicadas homogeneamente a todos os grupos religiosos, pois nas sociedades, de modo geral, o acolhimento ao inimigo não é aceito. A hospitalidade como ato de moralidade neste caso seria uma exceção consuetudinária. Complementando, o quarto capítulo decodifica a imagem de estrangeiro (alguém desconhecido) do inimigo (aquele que revela-se oponente a algo, ou alguém). Essa separação é fundamental, pois receber o inimigo seria uma ação totalmente proibida. Mesmo assim o autor apresenta a máxima que a hospitalidade incondicional seria transformar o inimigo em hóspede, portanto, em amigo.

Seguindo com a mesma complexidade, a segunda parte do livro aborda o bem receber existente na Bíblia. A reflexão está fragmentada nas sagradas escrituras do Cristianismo: O Antigo Testamento (Bíblia hebraica; capítulo 5 da obra resenhada) e o Novo Testamento (capítulo 6). Aqui os extremos da hospitalidade e inospitalidade estão evidentes na criação de

Adão e Eva. Como citado anteriormente, as leis da hospitalidade são regidas por direitos e deveres que se violados convertem-se em punição. O hóspede terá direito de ter suas necessidades vitais atendidas pelo anfitrião (alimento e descanso) e como em um contrato, terá que cumprir o dever de obedecer às regras da casa de quem o acolhe. Adão e Eva foram acolhidos por Deus e burlaram seu dever ao descumprir a ordem que lhes foi dada: não comer do fruto proibido. A quebra do acordo bilateral foi respondida com hostilidade e os dois foram expulsos do paraíso. Outra ação não seria possível.

Das disposições que regem a lei da hospitalidade, o direito divino estabelece que por obrigação jurídica e religiosa o anfitrião deve oferecer acolhimento gratuito a todos, sem exceção, e celebrar uma aliança. Na formalidade de se estabelecer um contrato de hospitalidade aliança simboliza o acordo que ambos (anfitrião e hóspede) estão dispostos a firmar. Aquele que não oferecer abrigo, ou aquele que recusar a abrigar-se, estará fora da aliança, pois para a união com Deus é preciso aceitar uma fraternidade universal. A criação da humanidade é ecumênica - todos são irmãos perante a Deus e habitantes da mesma morada. Apesar dos diferentes idiomas existentes ao redor desta morada, o homem deve "falar" uma língua universal como instrumento de propósito religioso, a hospitalidade deve ser oferecida a todas as representações da espécie humana, sem discriminação.

A recusa do bem receber também é caracterizada como um delito - aquele que viola a obrigação de ser hospitaleiro estará sujeito a uma pena ou castigo, independente de seu poder aquisitivo. A exemplo, o caso mais extremo de inclemência à pessoas não receptivas é citado no capítulo 5, com a destruição da Pentápolis. Ao enviar anjos disfarçados de humanos à Sodoma, que depararam-se com a inospitalidade, Deus pune a má recepção dos cidadãos, destruindo as cidades de Sodoma e Gomorra (e ao que tudo indica Adama, Seboyim, e Zoar também, pois faziam parte da Pentápolis). Por outro lado, a aceitação do bem receber é recompensada por benefícios a quem acolhe, e os exemplos da boa recepção de Ló e sua família para com os anjos, em contrapartida aos outros sodomitas, entre outras passagens bíblicas, são citados.

No sexto e último capítulo, uma nova reflexão. A primeira parte da obra e o quinto capítulo pincelam a imagem de Deus como anfitrião, enquanto que no Novo Testamento a figura divina aparece como hóspede. Tais variações emergem de passagens Bíblicas – no princípio, Deus foi anfitrião, acolheu o homem, mas este não foi um bom hóspede (Diversos



exemplos são citados ao longo da obra, mas os casos extremos são o de Adão e Eva e o caso de Sodoma e Gomorra). Logo, ao enviar Jesus como mediador à Terra, a deidade torna-se um estrangeiro que deveria ser bem acolhido. No entanto, na cidade de Belém perdeu-se o sentido religioso da hospitalidade e Jesus sofreu com essa perda de vigência.

Ao término da leitura, surgem algumas questões que interligam o conteúdo abordado à temas que protagonizam a sociedade atual, principalmente em duas grandes vertentes. Ao observar diferentes aspectos do mundo contemporâneo, é possível dizer que o homem da atualidade é inospitaleiro? O mundo enfrenta conflitos étnicos, por interesses comerciais e de domínio territoriais, neste sentido, tanto na Bíblia (A Guerra entre Israel e a tribo de Benjamin, por exemplo) quanto em parte da história grega (A Guerra de Tróia, por exemplo), apenas para citar dois exemplos, as atitudes inóspitas resultaram em conflitos bélicos. Na outra vertente, uma das maiores crises humanitárias de todos os tempos, a crise dos refugiados, seria um exemplo de uma inospitalidade que converteu-se no ato de hospitalidade em alguns países. Nessa onda que sucede a outra, se alguns conflitos também emergem de questões religiosas, e diversas passagens Bíblicas propõem a proteção ao estrangeiro, é possível dizer que o homem (neste caso, aquele que é crente em Deus) perdeu sua essência e proximidade com o que é divino? Pois se a hospitalidade equipara a existência humana, deveria haver uma fraternidade aos olhos da fé, visto que, todos são iguais perante a Deus - ao menos para aqueles que creem. Em outro sentido, quando em um novo mandamento Jesus disse a seus discípulos "amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (João 13:34), na antiguidade e na atualidade pode-se dizer que a hospitalidade é um mandamento negligenciado pelo homem. Porém, não se trata de analisar a proposta da hospitalidade apenas como uma visão religiosa. O que o autor nos mostra é que a base da hospitalidade, tal qual conhecemos e praticamos hoje, está no fenômeno religioso. É provável que se o estudo fosse ampliado para outras religiões e práticas, tais como o Hinduísmo, o Budismo e até mesmo a Religião Tradicional Chinesa, vários dos elementos fundadores do fenômeno da hospitalidade seriam identificados.

Subjetivamente, reflexões e respostas terão diferentes pontos de vista e este livro é o tipo de obra que leva a pensar sobre diferentes pontos filosóficos. Da ética à moral, da filosofia à teologia, da hospitalidade ao turismo, o livro é recomendado àqueles que têm sede de compreender a atitude humana da hospitalidade e sua interlocução com a religião.



Revista Ateliê do Turismo
(ISSN: 2594-8407)
Campo Grande, v. 3, n. 1. p.1-7, jan-jul 2019.



Para estudantes e pesquisadores em turismo, hospitalidade, ciência da religião e áreas afins, é uma possibilidade de entender o surgimento deste campo e sua relação com aspectos do mundo contemporâneo, interligados à religião - uma temática atual e relevante.